

Memória

O frio da morte

*Manoel Ferreira Lira
morrosanto@gmail.com

*“Quem não pode o que quer,
queira o que pode”.*

(frase atribuída por **Ortega y Gasset** a **Leonardo da Vinci**)



A voz suave do médico Eduardo Manhães era ouvida cada vez mais longe, fugindo, fugindo.

-“Seu” Manoel, está sentindo alguma coisa?

Quase que não o ouvi. Só o escutava como se estivesse bem longe...

O corpo tremia todo. Um frio tomava conta de todo ele. Era como se todo ele fosse gelando devagarinho.

-Estou com frio; estou tremendo. O frio atingiu meus ossos. Cubra-me, cubra-me, dizia eu a enfermeira que se encontrava à minha esquerda.

Longe, muito longe, ainda consegui ouvir “dê-me ligeiro um marca-passo, número...” Não pude mais ouvir nada. Somente pensava, aliás ainda consegui pensar:

-Ah, meu Deus, vão colocar um marca-passo. Vão abrir meu peito.

Rapidamente, como veio, o frio foi desaparecendo. As vozes voltaram a serem ouvidas fortes, inteligíveis

-“Seu” Manoel, está me ouvindo? Está sentindo dor?

-Não, doutor, está tudo bem.

Nada doía; meu peito não tinha sido aberto. Parece que o marca-passo não foi colocado.

-Menos mal, pensei.

Não sei quanto tempo passei na cama cirúrgica da ala de hemodinâmica do Hospital Stella Maris, na cidade de Guarulhos, São Paulo, pois quando dei de mim estava no leito 12 da UTI geral.

Mas, o que me levou a isto? Que me fez sair de um passeio turístico pela bela Buenos Aires e, já de volta ao Brasil, do aeroporto internacional de Guarulhos ter sido encaminhado urgentemente a um hospital da Unimed local?

Enquanto recuperava os sentidos, a lembrança, ainda cheio de fios pelo peito monitorando os sinais vitais, catéteres de oxigênio no nariz, catéter na veia inguinal, por onde

escoava tridil ((**nitroglicerina**) é indicado para tratamento de hipertensão pré-operatória; para controle de insuficiência cardíaca congestiva, no ajuste do infarto agudo do miocárdio, para tratamento de angina pectoris em pacientes que não respondem à nitroglicerina sublingual e beta-bloqueadores e para indução de hipotensão intra-operatória), retroagia ao mês de agosto.

Eu, a esposa Ana, os filhos William e Ana Karlla, a nora Cleuda, o genro Adriano, e mais oito familiares e amigos resolvemos passar cinco dias na capital da Argentina, todos ávidos para expandir novos conhecimentos acerca de Buenos Aires. Principalmente, quem ali estava pela primeira vez, como eu e Adriano.

Num frio de quase 15 graus (é frio para quem vive no nordeste brasileiro), chegamos à tarde no aeroporto de Ezeiza. Em três taxis, nos deslocamos para a praça da Liberdade, onde ficaríamos em dois apartamentos alugados por temporada.

Curioso, me deleitava na visão daquela cidade que surgia diante de mim, com avenidas e ruas largas, retílineas, edifícios, novos e antigos, bem cuidados, diferente de minha idéia inicial e incutida por amigos, de uma cidade suja e feia. À primeira impressão, fiquei deslumbrado.

Tudo ia bem até a véspera do retorno. Durante a noite, lá pela madrugada, acordei ouvindo estrondos de trovão e, logo após, o quarto clareava com a luz dos relâmpagos. Parecia dia. Trovoava e relampejava como nunca tinha presenciado.

Os trovões e os relâmpagos não me incomodaram, porém. O que me preocupou seriamente foi uma dor atroz de dente. Era do lado esquerdo. A dor foi tanta que irradiou para o peito. Imediatamente, coloquei um isordil sublingual., tentando acalmar meu coração, que dava sinais de aperto e respiração ofegante. Além disso, tomei dois comprimidos de tylenol (analgésico) para tentar diminuir a dor de dente.

Consegui cochilar sentado na cama.

Pela manhã, saímos todos para o aeroporto central de Buenos Aires, o Park, para embarcar de volta a Alagoas, via São Paulo. Indisposto, me aconcheguei na cadeira do avião.

As dores persistiam. Tanto a dor de dente quanto a que pressionava meu tórax. Querendo esconder o desconforto de minha esposa, colocava a mão direita no bolso esquerdo da camisa e, calmamente, retirava um isordil sublingual. Nos ares, entre Buenos Aires e São Paulo, usei três comprimidos de isordil.

Entre o avião e a esteira onde se encontravam as bagagens, mal conseguia me deslocar. Toda a excursão foi até uma loja no Duty Free, e eu fiquei à porta, sentado. Longos minutos. Meu filho, sentindo minha falta nas dependências da loja de importado, me procurou. E tudo veio de repente!

-Estou mal. Quero vomitar, disse-lhe!

Quase as carreiras, saiu à procura de assistência médica. Um paramédico e uma assistente, empurrando uma cadeira de rodas, chegaram rápido. E saíram em desabalada.

Rapidamente, fui levado à sala de primeiros socorros do Aeroporto de Guarulhos. Retiraram minha camisa, desabotoaram o cinto e a calça.

Vomitei aos cântaros!

Embaixo da língua, colocaram mais um comprimido de isordil e pediram para mastigar um comprimido de aspirina (ácido-acetil-salicílico). Fui todo monitorado e um eletro foi tirado rapidamente.

A maca, onde me encontrava, ficou um verdadeiro mar de suor.

Após alguns minutos, uma ambulância me levava à Emergência da Unimed, na cidade de Guarulhos. Eu rezava.

Fui colocado na UTI geral, junto com todo tipo de doentes, pois não havia vaga na UTI coronariana. Imediatamente, o plantonista mandou fazer novo eletro e preparou-me para

receber soro com um medicamento de nome Tridil, a uma percentagem de 15%. Para a dor de dente, nada.

E as dores continuavam. Eu pedia algo para aplacar aquela dor, sem sucesso.

-Vamos cuidar logo de seu coração, disse uma pessoa que identifiquei, depois, ser outro médico da UTI. Era dia 21 de agosto, aniversário de Ana. Que presente!

Indormido, somente com alguns lampejos de cochilo, soube que já estávamos em um novo dia. E assim, fiquei cinco dias naquela unidade de tratamento intensivo. Todos da excursão seguiram viagem, menos a esposa, filhos, nora e genro que ficaram alojados em um hotel da cidade, à espera.

Neste quinto dia, saí da UTI e me alojaram num apartamento, à espera de, após resolverem problemas burocráticos com a Unimed Maceió, realizar uma angioplastia para desobstruir artérias de meu coração. Seria mais uma tentativa para fazer com que o sangue voltasse a percorrer livremente as artérias coronarianas, uma vez que possuo ponte de safena (três safenas e duas mamárias) e três stents (pequena prótese em forma de tubo que é colocada no interior da artéria para que haja fluxo sanguíneo e o vaso não fique totalmente obstruído) .

Voltando ao Hospital Stella Maris, após nove dias de UTI e depois do insucesso em desobstruir minhas artérias, estou a tentar através de um procedimento conhecido como angioplastia com rotablator (*espécie de furadeira por dentro da artéria para retirar as placas de ateromas nas artérias (elas perdem a elasticidade e tornam-se mais rígidas), o que contribui para aumentar a pressão arterial*). Este procedimento deverá ser no Hospital do Coração, o HCOR de São Paulo, através da equipe do médico Eduardo de Souza.



Na UTI do Hospital Stella Maris, em Guarulhos, recuperando-se de um infarto.

*Jornalista